

## **A torre acima do véu: representação da Distopia no Insólito ficcional brasileiro**

### **A torre acima do véu: A representation of Dystopia in the Brazilian fictional Uncommon**

Tháise Gomes Lira\*  
thaiserevisao@gmail.com  
Universidade Federal da Paraíba

Luciane Alves Santos\*\*  
Luciane.ufpb@gmail.com  
Universidade Federal da Paraíba

---

**RESUMO:** Este artigo apresenta as evidências do gosto do jovem brasileiro por leituras, entre elas a Distopia, vertente do Insólito Ficcional. A Fundamentação Teórica, com base em Eagleton (2003), Failla (2016), Figueiredo (2009), García (2013), Lajolo (1982), Pavlovski (2012), Todorov (2013) e outros, abordou a relação entre jovem e leitura e analisou informações do *Skoob* e das pesquisas *Retratos da leitura no Brasil* e *Índices de Leitura – Distopias*; apresentou uma análise da vertente como desmembramento da Ficção Científica e do Insólito; e elencou os traços distópicos do *corpus A Torre Acima do Véu* (2014), de Roberta Spindler. Os dados comprovaram que o brasileiro entre 10 e 30 anos lê *best-sellers* e cânones por fruição. Distopias canônicas, como *1984*, de Orwell, e contemporâneas, como *a de Spindler* (2014), estão entre essas leituras e são instrumentos relevantes de formação de leitores no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Insólito ficcional. Distopia. Formação do Leitor.

**ABSTRACT:** This article presents traces of the reading taste of young Brazilians, which includes Distopia, a branch of the Fictional Uncommon. The theoretical framework is based on Eagleton (2003), Failla (2016), Figueiredo (2009), García (2013), Lajolo (1982), Pavlovski (2012), Todorov (2013). We discussed the relationship between young people and reading and analyzed information from *Skoob* and the research studies *Retratos da leitura no Brasil* and *Índices de Leitura no Brasil-Distopias*. We also analyzed Distopia as a dismemberment of Science Fiction and the Fictional Uncommon. Then, we listed the dystopian features of the *corpus*, Roberta Spindler's *A Torre acima do véu* (2014). The data showed that Brazilians who are between 10 and 30 years old read bestsellers and canonic literary works for fruition. Canonical dystopias, such as Orwell's *1984*, and contemporary ones, such as Spindler's book (2014), are among these readings and are relevant instruments for the development of readers in Brazil.

**KEYWORDS:** Fictional Uncommon. Dystopia. Reader Training.

---

\* Aluna de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Idade Média ao Século XIX da Universidade Federal da Paraíba; Bolsista da CAPES.

\*\* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e professora efetiva na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV, vinculada ao programa de Mestrado Profissional em Letras/CAPES e ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL)

## Introdução

O adolescente brasileiro do século XXI gosta de ler, ao contrário do que podem pensar alguns professores da educação básica. O público jovem possui um ritmo de leituras considerável, tem mais acesso a livros em diferentes suportes do que em qualquer outra fase da história e compartilha suas leituras em fóruns e comunidades virtuais de leitura, em redes sociais para leitores e por aplicativos de celular, como *Skoob*, *Amino Livros*, entre outros. Assim, criam um novo formato dos clubes do livro e trocam indicações literárias.

O jovem tem fácil acesso a quaisquer obras que deseje ler, sejam elas contemporâneas ou clássicas, impressas ou eletrônicas, pelas novas tecnologias. A isto, alia-se a presença do jovem em redes sociais voltadas a leitores, como o do citado *Skoob*<sup>1</sup> e *GoodReads*<sup>2</sup>, além de blogs, sites e canais literários; registra-se ainda sua presença massiva em bienais e eventos literários nas capitais e metrópoles brasileiras, além de um grande volume de leituras fora da escola. Acreditamos que, diante da forte influência dos meios eletrônicos nas experiências literárias nesta era, os jovens leitores preferem a literatura não canônica, seja ela universal ou nacional, à qual têm acesso por indicações de amigos e sites literários, entre outros meios. Entendemos que eles podem até realizar as leituras exigidas por professores por obrigação ou necessidade, contudo estas não se sobrepõem às experiências espontâneas de leitura, com obras contemporâneas e lidas por prazer. Afirmar, portanto, que os adolescentes no Brasil leem pouco ou não apreciam a leitura literária apenas porque não se sentem estimulados pelas obras impostas em sala de aula é equivocado.

Durante a realização deste trabalho, analisaram-se dados de três fontes: a) do *Skoob*, rede social que reúne mais de 4 milhões de leitores de todo o país, 62% dos quais utilizam a rede para debater seus hábitos de leitura há mais de 3 anos; b) da *Retratos da Leitura no Brasil 4*, pesquisa periódica conduzida pelo IPL<sup>3</sup>; e c) dados da pesquisa Índices de Leitura no Brasil - Distopias, criada e aplicada pela

---

<sup>1</sup> Cf. *Skoob* (<http://www.skoob.com.br>), uma rede social voltada ao registro de leitores de todo o Brasil.

<sup>2</sup> Cf. *Good Reads* (<http://www.goodreads.com>), uma rede social voltada ao registro de leitores dos Estados Unidos, embora possua também usuários brasileiros e de outros países.

<sup>3</sup> A *Retratos da Leitura no Brasil 4*, do IPL – Instituto Pró-Livro, foi lançada em livro durante a 24ª Bienal do Livro de São Paulo, em 2016.

pesquisadora deste trabalho, entre maio e outubro de 2016 pela ferramenta *Google Forms*.

Esta análise visou a comprovar a representatividade da ficção distópica no Insólito contemporâneo nacional e seus índices na leitura extraescolar do jovem-adulto brasileiro. O trabalho foi dividido em duas partes: primeiro, a Fundamentação Teórica, que aborda a relação do jovem com a leitura e analisa dados coletados nas pesquisas; em seguida, a apresentação de uma análise da ficção distópica como vertente literária da Ficção Científica e do Insólito, e, por fim, os traços distópicos do *corpus* ficcional *A Torre Acima do Véu* (2014), de Roberta Spindler, lançado pela Giz Editorial.

A pesquisa tem suporte nos estudos de Eagleton (2003), Failla (2016), Figueiredo (2009), García (2013), Hilário (2013), Lajolo (1982), Lajolo (2005), Pavlovski (2012), Todorov (2013), entre outros autores que debatem questões de leitura, Distopia, Ficção Científica e o Insólito.

Esperamos que este trabalho contribua para uma proposta de ensino de Literatura mais democrático, que compreenda obras contemporâneas como instrumentos de incentivo à leitura, pois elas estimulam o jovem a ler mais e a melhorar também a qualidade de suas experiências literárias. Defendemos que tais leituras não sejam coibidas ou relegadas a segundo plano (se houver tempo hábil no cronograma escolar), apenas porque talvez careçam do valor estético de uma obra clássica – cuja leitura pode ser estimulada, entre outras formas, a partir de releituras de clássicos para jovens.

Entre os gêneros, subgêneros e vertentes mais lidas da atualidade por esse público, está a Ficção Distópica. Vertente da Ficção Científica, que é ramificação do Insólito, a Distopia apresenta considerável aceitação por parte dos jovens brasileiros, e o mercado editorial tem investido em obras voltadas a este público, também conhecido como *Young-Adult (YA)*, pois elas provocam reflexão e conscientização social, devido às temáticas abordadas. A ficção distópica é uma importante forma de incentivo à leitura e faz parte do acervo cultural do jovem deste século. A análise dos dados referenciados anteriormente comprovou que o público brasileiro entre 10 e 30 anos possui experiência vasta e variada de leitura, porém não o faz por indicações da escola com a mesma intensidade que o faz de forma independente, por fruição. Distopias canônicas, como *1984*, de George Orwell, e contemporâneas, como *A Torre acima do Véu*, de Roberta Spindler, estão entre as

leituras realizadas pelo jovem no Brasil, e são instrumentos relevantes de formação de leitores em todo o território nacional.

## 1 Dados de Leitura e a Leitura Literária

Segundo dados fornecidos pela assessoria de comunicação do *Skoob*, em maio de 2016, a primeira rede social voltada para leitores brasileiros contabilizava 3.4 milhões de usuários ativos, sendo 75% deles, mulheres. Hoje, o número ultrapassa os quatro milhões. Brasil, Portugal e Estados Unidos são os países em que as pessoas mais visitam a rede, e as cidades brasileiras com maior volume de acessos são São Paulo, Rio de Janeiro e Fortaleza. Ainda segundo o site, 44% dos usuários têm entre 18 e 24 anos, uma faixa etária jovem.

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 4*, por sua vez, ofereceu informações relevantes para embasar o prospecto de que os brasileiros estão lendo mais, não apenas *best-sellers*, mas cânones literários. A mais recente sondagem do IPL (Instituto Pró-Livro) utilizou um método de padrão mundial, desenvolvida pelo CERLALC/Unesco; entre seus objetivos, estão: obter parâmetros internacionais de comparação entre países da Ibero-América e elaborar séries históricas que analisem o comportamento do leitor brasileiro (FAILLA, 2016, p. 164). A pesquisa foi realizada em campo, por aplicação de questionários e entrevistas presenciais de aproximadamente uma hora, em domicílio.

No Universo da pesquisa, estão brasileiros com idade mínima de cinco anos, alfabetizados ou não, e a amostra é nacional, composta de 5.012 entrevistados, de 317 municípios. Failla (2016, p.174) aponta dados importantes à compreensão deste trabalho: a) a população brasileira à época da pesquisa era de 201.020.101 pessoas, e o estudo representa 93% desse total; b) atualmente, a média de livros lidos pelo brasileiro, segundo a pesquisa, é de 4,96 ao ano; c) o recorte populacional selecionado para este trabalho é de faixa etária entre 10 e 30 anos, e este representa atualmente 32,97% da população; d) 73% do povo brasileiro declara gostar de ler. Segundo os dados apresentados, é possível afirmar que a pesquisa é relativamente confiável e que há uma perspectiva positiva quanto à formação de leitores no Brasil, pois a média de livros lidos ao ano, que era de quatro em 2011, hoje aproxima-se de cinco.

Na pesquisa, Failla (2016, p. 184) distingue *Leitor* de *Não Leitor*. Ela considera Leitor “aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses” e Não Leitor como o indivíduo que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, ainda que tenha lido algum no último ano. A análise dos gráficos mostra que 104.7 milhões de brasileiros com idade igual ou superior a 05 anos (56%) se declararam Leitores, e que 59% desses é do sexo feminino. A informação sugere que existe uma quantidade razoável de brasileiros adotando um ritmo de leitura constante, saudável e que há, pelo menos, três meses essa quantidade aproximada de pessoas tem se dedicado a ler literatura, sejam as obras lidas por motivos utilitários ou por fruição.

Ademais, entre maio de 2016 e outubro de 2016, a pesquisa Índices de Leitura no Brasil - Distopias, criada e aplicada via *web* pela pesquisadora, buscou sondar entre leitores brasileiros qual a inserção da ficção distópica entre suas leituras; assim, coletou as respostas de 125 cidadãos brasileiros de 22 estados e do Distrito Federal, através da ferramenta virtual *Google Forms*.

Os respondentes são de maioria feminina (69,6%), com idade entre 11 e 30 anos (84,8% do total), e, dentre os leitores, a maioria (45%) declara que possui o hábito de ler com frequência, mesmo que não diariamente. Os participantes apontaram as suas preferências de leitura atuais: contos, romances, novelas e outros (88%); demonstraram maior apreço pela Ficção Científica (59,2%); o Fantástico (56%); o Maravilhoso puro (54,4%); a Mitologia greco-romana (51,2%) e as Distopias (48%). Como suas leituras recentemente finalizadas, os participantes apontaram títulos de Franz Kafka, Jane Austen, J. R. R Tolkien, Lewis Carroll, Nicolau Maquiavel, Thomas Hobbes e William Shakespeare, além dos brasileiros Castro Alves e Graciliano Ramos. Entre as distopias lidas, estão as canônicas *1984* (George Orwell) e *Laranja Mecânica* (Anthony Burgess), e as contemporâneas *A Coroa*, *A Escolha* e *A Herdeira* (Kiera Cass), *Convergente* e *Quatro* (Veronica Roth), da série *Divergente*, e, por fim, *A Torre Acima do Véu* (Roberta Spindler).

Acerca das distopias, 51,2% dos respondentes afirmou conhecer a vertente por obras lançadas no século XXI, tais como *Jogos Vorazes* (Suzanne Collins), *Divergente* (Veronica Roth), *Feios* (Scott Westerfeld), *Delírio* (Lauren Oliver) ou outro; 33,6% considera esse tipo de ficção excelente; 51% aponta o livro *Jogos Vorazes* (2010), de Suzanne Collins como favorito; 73% recomendaria obras dessa

vertente a outros leitores. *A torre acima do véu* (Roberta Spindler) é a obra escolhida por 7,2% dos respondentes.

Apesar de não possuir uma grande projeção nacional na fase da pesquisa, a obra de Spindler (2014), juntamente às demais distopias nacionais, começa a firmar o seu espaço no cenário literário brasileiro, cujas obras são construídas sob a premissa da ficção distópica, que seguem os parâmetros definidos por Figueiredo (2009), além dos aspectos em comum que identifico nas distopias do século XXI. Os dados estabelecem bases para a afirmação da vertente brasileira entre no universo da nossa literatura.

Para Lajolo (1982, p. 95), o texto literário é uma valiosa forma de contato entre o aluno e as múltiplas significações que a língua possui, no grau máximo de efeito estético. Logo, deve-se estimular os estudantes à leitura e apreciação das obras clássicas e também das contemporâneas, em vez de coibi-las; ademais, é necessário impulsionar habilidades leitoras além da perspectiva historicista da Literatura e do uso do texto literário como pretexto para estudo da língua. Há um vasto campo literário sendo explorado além dos muros da escola pelos jovens-adultos brasileiros, mas as escolas não o aproveitam: fomentam uma prática de leituras de cânones nacionais, necessários por sua qualidade estética, por sua relevância na nossa literatura e também pelos objetivos acadêmicos e profissionais do alunado, mas isto ainda é feito de forma engessada. As obras são introduzidas na escola sem um plano de leitura didático e atraente ao leitor, e os clássicos são vistos como obrigações, atividades escolares forçadas, de leitura obrigatória, o que exclui todo o prazer da fruição.

Lajolo (2005, p. 7) pontua que “aprende-se a ler à medida que se vive [...] na chamada escola da vida”. Ou seja, não cabe apenas à educação formal e às leituras na escola o papel de formar leitores: mais numerosas e possivelmente tão relevantes quanto as leituras formais são as obras lidas espontaneamente, seja por indicação de um amigo, por influência familiar, da escola, por meios eletrônicos ou até por iniciativa própria, com base em experiências anteriores. Estas têm levado os jovens brasileiros a ampliarem seu volume de leituras não consideradas literárias nos últimos seis anos.

Em sua abordagem sobre o conceito de literatura, Terry Eagleton (2003, p. 14) assinala: Literatura é a escrita criativa ou imaginativa que emprega a linguagem de forma peculiar; o discurso literário torna estranha a fala comum, modifica-a; a

literatura pode ser uma questão daquilo que as pessoas fazem com a escrita, e também daquilo que a escrita faz com as pessoas; e ainda a definição do literário depende da forma pela qual alguém decidiu ler, e não da natureza daquilo que foi lido. O autor ainda menciona que alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros, tal condição é imposta. Por fim, é seu último conceito que chama atenção: Literatura é um tipo de escrita altamente valorizada.

A relevância e a qualidade estética da obra é o que permite classificá-la como literária ou não. A maioria das obras no vasto acervo das leituras extracurriculares do jovem brasileiro contemporâneo não possui o valor literário exigido pela academia, porém tem papel importante na afirmação desse público como um leitor proficiente, bem como na sua reflexão sobre o homem, a vida, a sociedade.

O jovem brasileiro entre 10 e 30 anos ampliou o número e a diversidade de leituras, canônicas ou não, nos últimos dez anos. Percebe-se essa mudança no comportamento do leitor pela transformação no uso das tecnologias. A *web* oferece muitos recursos para o compartilhamento das leituras, compra, troca e venda de livros; seu advento provocou o aumento do número de leitores, nos últimos anos. Além das ferramentas anteriormente mencionadas, há maiores índices de vendas, maior facilidade de aquisição de livros físicos ou *e-books* em livrarias virtuais, e uma considerável quantidade de eventos organizados por editoras e livrarias, que reúnem jovens de todo o Brasil em lançamentos.

*Best-sellers* têm um importante papel no aumento das leituras de jovens na última década, a exemplo de *Harry Potter (1997)*, de J. K. Rowling, e *Jogos Vorazes (2010)*, de Suzanne Collins. Sobre isso, trazemos à discussão Zilberman e Rösing (2009, p.12), para quem a globalização e o neoliberalismo trouxeram mais formas de financiar a cultura, enquanto o estado a desampara. São obsoletas as críticas da Escola de Frankfurt, que condenava a indústria cultural e seus subprodutos de *mass media – best-sellers*, quadrinhos, novelas de TV e manifestações populares, como o cordel, o *funk* e outros – que seriam prejudiciais à formação crítica de um grupo social. Para os estudiosos, nem tudo se resume a uma necessidade mercadológica de vendas, mas a expansão cultural é necessária. A indústria cultural estimularia uma visão mercadológica do conhecimento e da produção, uma vez que o principal interesse seria adquirir bens, segundo aponta Mogendorff (2012). Porém, se, aos olhos dos filósofos de Frankfurt, tal difusão cultural seria negativa, na era da

informação e *high tech*, a quebra das barreiras de distância e o acesso ao saber permitem que a população tenha melhores instrumentos de acesso à leitura.

Zilberman & Rösing (2009, p. 12) debatem ainda que os avanços tecnológicos no Brasil e no mundo propiciaram uma maior difusão de obras literárias, físicas ou eletrônicas. A praticidade da leitura e o acesso a livros em diferentes suportes, longe de afastarem os jovens dos cânones, abrem espaço para que aqueles, iniciados no hábito e no gosto de ler, busquem espontaneamente os clássicos. Os jovens brasileiros não apenas leem bastante, como possuem variedade de leituras, e elas estão entre as melhores ferramentas na formação de leitores. Na esteira dessas novas fórmulas para leitores, está a vertente distópica.

## 2 A Distopia como vertente do Insólito Ficcional

Uma das vertentes literárias mais apreciadas hoje no Brasil e no mundo e que tem forte inserção perante o público jovem, a ficção distópica pode ser entendida como um discurso, linha de pensamento, herdeira de traços da Ficção Científica e variação do Insólito ficcional; aquela não se restringe à Literatura, mas pode ser encontrada no cinema, na TV, nos quadrinhos e *games*. Para García (2007, p. 21), o Insólito reflete tudo o que não é característico, mas incomum, espantoso. Na esfera do Insólito, existe um subgênero do Maravilhoso, segundo Todorov (2013, p. 161): a Ficção Científica, que apresenta universos imaginários e futurísticos. Esse subgênero é uma forma de literatura que busca retratar, em termos racionais e realistas, tempos futurísticos e ambientes que diferem dos nossos, mas é consciente das preocupações de seu tempo e faz comentários implícitos sobre a sociedade contemporânea, explorando efeitos materiais e psicológicos que as novas tecnologias podem ter sobre ela (MANN, 2001, p. 6). Neste contexto, surgiram as primeiras Distopias.

“Distopia” vem do grego (prefixo **dis**, de valor negativo + radical **topos**, ou “lugar”), segundo Schneider (2010, p. 3). A palavra, que tinha o sentido de “não lugar”, evoluiu para contemplar o conceito de “lugar ruim” ou “difícil” para a vida em sociedade. A ideia da Distopia na literatura aflorou a partir do século XX. Para Pavlovski (2012), a vertente satiriza o utopismo e sua impraticável perfeição, pois não há lugar bom demais para ser real.



Figueiredo (2009, p. 355-356) reforça a caracterização da vertente com os traços que levam a obra a ser classificada como distópica: o totalitarismo; a centralização do poder em uma corporação, governo, grupo social, rede de comunicação ou outro; a opressão de uma minoria em posição de poder sobre grandes grupos inferiorizados; a tecnologia avançada, beirando o surreal; as críticas à sociedade vigente; a ausência de harmonia; uma população com liberdade limitada; protagonistas exilados ou eliminados pelo centro de poder. O sistema de governo vigente detém pleno controle sobre a maior parte da população, que está subjugada a regentes tirânicos e exploradores, que controlam a população à base da força bruta e violência. Os grupos minoritários, privilegiados, gozam de tecnologias de ponta, um dos traços da Ficção Científica que dialogam com as distopias: não há limites para os avanços nos transportes, nas armas e mesmo na manipulação genética.

Nas distopias, um elemento de destaque é a figura do herói, o personagem que decide não aceitar os desmandos do sistema, e provoca a revolução. Esse herói ou heroína é perseguido(a) pelo poder central, de forma que não se torne uma ameaça à “harmonia” alcançada pelo sistema de governo. O elemento opositor distópico não é o vilão, mas a heroína ou herói, que vem desestabilizar o sistema vigente.

Segundo Hilário (2013, p. 206), a narrativa distópica é antiautoritária, insubmissa e radicalmente crítica, e enfatiza a indiferenciação subjetiva, a massificação cultural e o controle dos indivíduos. A alienação reinante é questionada pelo elemento que se projeta como opositor ao sistema de poder, depondo ou desmascarando os líderes de tais grupos de poder. A Distopia é ambientada em um mundo futurístico, por vezes retratado como apocalíptico e desolador, quando os recursos são escassos, a população é numerosa e não vive de forma luxuosa, mas responde à exploração desmedida realizada naquele universo com o reflexo de um mundo em decadência, sem esperanças, que se sujeita e se permite alienar por não possuir mais forças para lutar contra o sistema, pelo conforto de ceder ou pela fragilidade perante a ideia de continuar. Ao lado das obras estrangeiras, as distopias brasileiras de destaque junto à população YA no Brasil são: a *Trilogia Anômalos* (2013) da brasiliense Bárbara Morais; *Não verás país nenhum* (1982), do paulista Ignácio de Loyola Brandão; e, por fim, *A Torre acima do véu* (2014), da paraense Roberta Spindler, *corpus* deste trabalho.

### 3 A Torre acima do Véu: a distopia paraense

Em *A Torre acima do véu*, a narrativa começa em *flashback*, apresentando a ferramenta de controle utilizada 50 anos antes: uma arma biológica de origem a princípio desconhecida, cuja detonação provocou a disseminação de uma névoa densa e venenosa por várias megacidades, o que devastou o planeta. O espaço é uma Terra que já se encontra em nova configuração geográfica: por falta de territórios habitáveis para alocar residências e prédios, a engenharia, então bem desenvolvida, promoveu a construção de arranha-céus e megaedifícios com mais de 300 andares, para abrigar mais pessoas nos andares mais altos.

Um aspecto relevante é o tempo cronológico da narrativa. A obra faz uma transição de meio século para um futuro além do tempo inicial e demarca que a narrativa se inicia no “Ano 53 depois do véu” - quando se tornou óbvio o sistema de segurança adotado: a repressão pela violência e intimidação, a objetividade da ação (SPINDLER, 2014, p. 8). A violência e a repressão são aspectos essenciais à distopia: esta apresenta, como um dos seus elementos mais fortes, um sistema de governo que se alimenta da diferença e da hierarquização humana, dos jogos de poder.

Nesse universo, identifica-se a herança da FC na inclusão de artefatos tecnológicos que se destacam do que existe na nossa realidade. Em *A Torre Acima do Véu*, além da engenharia e arquitetura, que alcançam um nível extraordinário de desenvolvimento, existe a expansão da eletrônica e elétrica: há pequenos cubos de luz capazes de armazenar grande quantidade de energia para prover luz a cidades inteiras e, no entanto, são cercados de uma aura de mistério sobre todas as suas funcionalidades. Registra-se, ainda, as *grappling guns* – armas para saltadores que precisam deslocar-se entre diferentes pontos no espaço; os óculos de visão infravermelha e os trajes antinévoa, desenvolvidos especificamente para aquela realidade, bem como comunicadores de tamanho minúsculo (SPINDLER, 2014, p. 15).

Além da tecnologia insólita, a distopia se caracteriza pela ambientação em mundo potencialmente destruído. Segundo narra Spindler (2014, p. 8), na voz de um de seus personagens terciários: “Se num único dia a situação já se encontrava daquele jeito, com pessoas saindo às ruas e pregando o fim do mundo, a tendência era só piorar”. Ou seja, a partir do momento em que a névoa se alastrou pelas

megacidades, as pessoas enxergaram o mundo ao seu redor sendo destruído. A dizimação de boa parte da população mundial foi um fator marcante para que se declarasse o estado de calamidade, um desastre de proporções mundiais, e, ao mesmo tempo, a lei natural de sobrevivência do mais forte foi colocada em ação – outro aspecto relevante na ficção distópica, uma vez que as pessoas, antes civilizadas, retornam a um estado em que suas habilidades e capacidades são determinantes à sobrevivência. Em trecho posterior, Spindler (2014, p. 12) se refere ao ano 53 após o véu como “o final dos tempos, o apocalipse da humanidade”, em um momento de recordação do dia em que a névoa venenosa eliminou, em apenas 24 horas, metade da população de Rio-Aires, uma cidade do bloco União Latina: mais de 500 milhões de pessoas em Londres-Ankara, megacidade da União Europeia.

Por dialogar com a FC, a Distopia apresenta sociedades totalmente imaginárias. Nesta obra, o mundo possui atualmente toda a sua faixa próxima ao solo coberta pela névoa venenosa, e os sobreviventes foram forçados a buscar refúgio nos prédios mais altos para escaparem à morte. A névoa não se dissipou, e permanece no presente como uma arma mortal, uma forma de manter a população sob medo e ameaça constantes.

Em um ambiente distópico, parte da população se vê afetada por algum tipo de transformação, que pode ser de natureza psicológica, comportamental ou mesmo física. Em *A Torre Acima do Véu*, a névoa provocou transformações biológicas em humanos, que passaram a ser chamados de Alterados – pessoas com habilidades sobre-humanas, como os saltadores, os combatentes, corredores e oráculos. Animais também foram afetados e passaram a agir sob controle dos “Sombras”, seres supostamente humanos que sobreviveram à névoa e teriam perdido sua humanidade.

Os membros de uma sociedade distópica vivem sob um regime totalitário, um sistema de governo ou regência no topo da hierarquia social e/ou econômica, que detém todo o poder. Em *A Torre Acima do Véu*, esse poder absoluto é materializado na Torre (organização) e, posteriormente, na Legião (grupo de párias que aspiram ao poder). A “Torre” teria salvado a decadente sociedade da Nova Superfície, reorganizando-a de forma a mantê-la segura, conforme menciona Spindler (2014, p. 14): “O caos em que vivíamos nos levaria ao fim, aquilo era inegável. Estaríamos condenados a esperar pelo dia em que os sombras [*sic*] nos sequestrariam para os

escombros de nossa antiga sociedade. Porém, tudo mudou com a ascensão da Torre”.

O centro de poder da Distopia apresenta um caráter messiânico, de grupo salvador e libertador da opressão, quando o verdadeiro objetivo é libertar-se de um controlador prévio para estabelecer novas regras. Por esta razão, verifica-se que as utopias e distopias, possuem uma relação dicotômica: por mais que sejam compreendidas como conceitos opostos, dialogam entre si e possuem certo grau de dependência. A “Nova Superfície” está aparentemente livre do medo, de sequestros e saques, graças ao novo sistema político e administrativo da Torre. As constantes mensagens transmitidas pela própria corporação estimulam a população a se manter fiel e cumprir o código de conduta estabelecido, em troca de permanecer segura e obter alimentos.

Em um momento posterior, Spindler (2014, p. 47-48) narra o orgulho de Emir, ao ver que a Torre crescia a cada dia: já não era apenas o maior arranha-céu da área, mas abrigava a central de comando, a rede de comunicações, a horta em que alimentos orgânicos eram cultivados com muito esforço e um hangar de veículos; “Respeitem a Torre acima de tudo”, finaliza Emir. O excerto mostra que, além de um núcleo de poder que se destaca em meio às massas, a partir de suas táticas utilizadas, existe o fator da manipulação, que frequentemente ocorre através das mídias. Este é um dos alertas mais importantes de uma obra distópica do século XXI: o poder alienador da mídia.

Assim como a TV era o principal veículo de informação na manipulação em *Jogos Vorazes* (Suzanne Collins), na alienação em *Fahrenheit 451* (Ray Bradbury) e na vigilância em *1984* (George Orwell), a Torre de Rádio em *A Torre Acima do Véu* (Roberta Spindler) não apenas é o maior centro de transmissão de notícias – logo, detentor de um poder de comunicação e informação massivo – como regula parte da produção orgânica de alimentos, além de remédios e outros bens.

Na distopia, a população vive em situação de desespero e falta de esperança, em decorrência de uma tragédia e por suas consequências a curto e longo prazos; entre elas, as péssimas condições de vida dos habitantes. Em *A Torre Acima do Véu*, a maior parte da população vive com poucos recursos, em detrimento de uma minoria que possui boas condições de vida. A Torre comanda, duramente, não apenas os recursos alimentícios, mas os tecnológicos; a necessidade popular de trocar objetos por itens básicos, como comida, é premente. É o que se pode

deprender do diálogo entre Lion e a filha, Beca, quando ele diz: “Talvez você esteja certa, *hija*. Mas agora devemos viver o presente. Vamos para casa. Edu vai ficar feliz em saber que não precisaremos trocar nossos computadores por comida” (SPINDLER, 2014, p. 44).

A população de Rio-Aires convive com a ideia de trocar objetos quaisquer de valor por comida, para fugir à fome que assola as megacidades. Uma vez que as plantas da horta da Torre são muito caras, é com a ração desenvolvida no Setor 1 que a maior parte da população se sustenta – uma situação que se pode compreender, considerando-se os poucos recursos de uma megacidade assolada por fome e miséria. A ideia de sair daquele ambiente, de mudar de condição e crescer por si não é estimulada, mas compreendida como impossível pela maior parte da população. Esta já aceitou a realidade presente e não acredita que exista alguma forma de reverter aquela situação. Enquanto a liberdade individual é controlada sem reclamações por parte da maioria influenciável, ela encontrará resistência no elemento opositor do centro de poder. Este(a) antagonista, que representa a quebra da alienação reinante, o ponto de reviravolta no jogo de poder, será exilado ou marginalizado, posto que vai de encontro à manipulação e à alienação pregadas pelo poder vigente.

Dentre as consequências das atitudes que visam à sobrevivência do indivíduo, na narrativa distópica, percebe-se que os princípios e virtudes humanas são postas em xeque e alguns valores podem ser corrompidos; logo, é comum encontrar traços de anti-herói nos protagonistas de uma distopia: não há qualquer traço maniqueísta em seus personagens principais, que são complexos e apresentam luz e sombra em seu caráter. Por exemplo, em *A Torre Acima do Véu*, a heroína Beca torna-se fria perante a morte alheia e frequentemente esboça reações violentas ao ser contrariada ou encurralada; ainda é considerada ladra por membros da Torre e não se importa em receber o crédito pelos atos de outras pessoas, segundo os seus interesses, como fez com o personagem Rato (SPINDLER, 2014, p. 44).

Os aspectos acima delineados enquadram *A Torre acima do véu* (2014), de Roberta Spindler, no rol das primeiras distopias autenticamente brasileiras e ambientadas em território nacional – ainda que apresente as reconfigurações geográficas propostas pela própria vertente – ao lado de Loyola Brandão e Bárbara Morais. A obra está entre aquelas construídas sobre o paradigma distópico,

elaborado por H. G. Wells, em *The Time Machine* (1895) e consagrado ao longo do século XX, por George Orwell, Ray Bradbury, Aldous Huxley, entre outros.

Narrativas distópicas apresentam temáticas que instigam o debate sobre política, sociedade, humanidade e desumanização; estas podem ser apelativas ao jovem, tocam seu poder de reflexão e o estimulam a repensar o mundo e a sociedade, além de incentivar novos sabores literários, a leitura de obras contemporâneas, as quais instigam o diálogo entre o leitor e as obras clássicas.

### Considerações finais

A Ficção distópica extrapola a esfera literária e desvenda o homem; sua leitura apresenta o potencial de levar o jovem a pensar além do óbvio, do superficial; instiga-o a analisar o panorama social, incita respostas e pode provocar novos questionamentos, posto que o limiar entre fictício e real é sutil, quando se observa o atual cenário sociopolítico mundial, e o poder que o protesto e a revolução têm na transformação de uma sociedade fragilizada, sobretudo pelas mãos do jovem, elemento tão presente e forte nas distopias do século XXI.

A partir dos dados fornecidos pelo *Skoob*, além das pesquisas *Retratos da leitura no Brasil 4* e Índices de Leitura no Brasil – Distopias, pudemos comprovar que a ficção distópica canônica e a contemporânea estão presentes entre as leituras realizadas por essa parcela analisada da população brasileira – uma maioria feminina, de idade entre 11 e 30 anos, que adota um hábito saudável de leitura fora do âmbito escolar. Ao contrário do que podem afirmar alguns professores da Educação Básica, os jovens brasileiros gostam de ler, e estão lendo mais do que há dez anos, embora não adotem as leituras clássicas como prioridades.

É importante incentivar o jovem do século XXI, sempre cercado de novas tecnologias, a realizar leituras além das obras contemporâneas, a conhecer os cânones brasileiros e universais e a otimizar quantidades e qualidade de leituras. Uma das melhores ferramentas para estimular o jovem em determinado hábito é inseri-lo em um grupo com pessoas da mesma faixa etária, pois adolescentes possuem fortes vínculos sociais, neste século. Logo consideramos o potencial positivo de redes sociais como *Skoob* e *GoodReads*, além de fóruns online, como ferramentas de interação que promovem a divulgação da leitura e o encontro de leitores que vão do iniciante ao proficiente.

Para que ocorra uma mudança no perfil leitor do Brasil, é preciso que a escola abra suas portas para uma democratização da leitura, para obras não consideradas canônicas segundo padrões estabelecidos, pois elas apresentam forte potencialidade de formação de jovens leitores. As escolas precisam da criação e implantação de programas de leitura abertos, com catálogo variado e consistente, que incentivem os adolescentes a ler e não coíbam o acesso ao que provocará neles o estímulo para ampliar suas leituras.

Faz-se necessário um esforço conjunto para levar obras de temáticas fortes, filosóficas e de cunho igualmente reflexivo para as escolas, de forma que o clássico e o contemporâneo trabalhem juntos na formação do jovem leitor para instigar neste o desejo de desenvolvimento e fortalecimento de seu senso crítico. Os jovens de hoje são potenciais formadores de leitores no futuro, seja como pais, amigos, produtores de conteúdo ou professores.

*A torre acima do véu* (SPINDLER, 2014) não é a primeira distopia nacional, porém obteve maior projeção perante o leitor brasileiro. A autora elaborou sua narrativa com o propósito da ambientação no universo distópico, teceu uma trama totalitarista verossímil, tocando em diversos pontos que caracterizam a vertente. É válido o poder que uma obra como a de Spindler e as de outros autores nacionais possuem, na Distopia e na formação do leitor em questão, que tem acesso a mais essa vertente, aprecia-a e indica-a a novos leitores, como um estilo literário atrativo e provocador de debates. Tal leitor explora o universo da Distopia, como outrora o fez com a Ficção Científica e com as variadas vertentes do Insólito, o que pressupõe a presença e afirmação da vertente no Brasil e estabelece uma base segura para a consolidação de um hábito de leitura promissor em território brasileiro.

## Referências

EAGLETON, Terry. Introdução: O que é Literatura? In: *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 1-22.

FAILLA, Zoara (Org). Perfil da Amostra. In: \_\_\_\_\_. *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016, p. 184-190.

\_\_\_\_\_. Perfil do leitor de livros. In: \_\_\_\_\_. *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016, p. 174-181.

FIGUEIREDO, Carolina D. Da utopia à distopia: política e liberdade. *Eutomia: Revista Online de Literatura e Linguística*, Recife, v.1, n. 03, p. 324-362, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/issue/view/118/showToc>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

GARCÍA, Flávio. Insólito ficcional. In: *Discursos fantásticos de Mia Couto: mergulhos em narrativas curtas e de média extensão em que se manifesta o insólito ficcional*. Rio de Janeiro: Publicações Dialogarts, 2013. p. 35-43.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anuário de Literatura*, v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/2175-7917.2013v18n2p201>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2005.

MOGENDORFF, Janine Regina. A escola de Frankfurt e seu legado. *Verso e Reverso*. Porto Alegre, v. XXVI, n. 63, p. 152-159, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4013/ver.2012.26.63.05>>. Acesso em: 15 out. 2017.

PAVLOVSKI, E. *Admirável mundo novo e A Ilha: entre o pesadelo e o idílio utópico*. 2012. 365 fls. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2012.

SCHNEIDER, Luizane. *A semântica dos prefixos de- e dis- para as palavras de base*. Artigo apresentado no II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: Diversidade, Ensino e Linguagem, 06 a 08 de outubro de 2010. Cascavel-PR Unioeste, 2010. Disponível em: <[http://cac.php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD\\_II\\_Snell/pages/simposios/simposio01/aseanticadosprefixosde-edis-paraaspalavrasdebase.pdf](http://cac.php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD_II_Snell/pages/simposios/simposio01/aseanticadosprefixosde-edis-paraaspalavrasdebase.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2017.

SPINDLER, Roberta. *A torre acima do véu*. São Paulo: Giz Editorial, 2014.

TODOROV, Tzvetan. A narrativa fantástica. In: \_\_\_\_\_. *As estruturas narrativas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. p.147-166.

ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K (Org). Apresentação – Leitura na escola – Parte II: a missão. In: \_\_\_\_\_. *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. p. 9-15.

*Recebido em 14/08/2017*

*Aceito em 08/10/2017*

*Publicado em 21/10/2017*